



1
ÚLTIMA HORA

A noite avança. À luz do olhar nevoento,
Escuto o alarme... A rude voz do instinto
Fala da morte. Em lágrimas pressinto
A lividez do trágico momento.

Espantado, atravesso o labirinto
Dos delírios e sonhos que apascento.
Vencido, o coração pulsa violento,
Ave apresada ao peito semi-extinto.

(*) No Rio de Janeiro, Pereira da Silva foi aluno do Liceu de Artes e Ofícios, ingressando, depois, na Escola Militar. Transferido, mais tarde, para o Estado do Paraná, aí se tornou dedicado amigo de Dario Veloso e de outros poetas da sua estirpe. Deixando o Exército, voltou ao Rio. Estudou Direito e aderiu ao grupo simbolista da **Rosa-Cruz**. Foi redator da **Cidade do Rio**, colaborando em outras publicações da imprensa carioca, como crítico literário. Em 1933 ingressou na Academia Brasileira

Tristeza, sombra e pó... Cinza e cansa...
A ideia tomba. E' a hora derradeira,
Na exalação dos últimos instantes.

Desço de todo ao caos que me agonia,
Mas livre enfim, soluço de alegria,
No caminho dos astros cintilantes.

2
ÚLTIMO DIA

Não era mais o lume de Aladino
Que trazia na mão dorida e pasma,
Era a tremura de um doente de asma,
Ouvindo, inerte, o choro do destino.

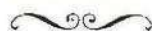
O leito igual ao chão de lodo e miasma
Fêz-se lousa de gelo em Sol a pino...
Quero gritar em vão, quanto um menino,
Amedrontado à sombra de um fantasma.

Divago. Embalde movo os lábios perros.
Varo — errante viajor — impérvios serros...
Meu sonho é um velho cão ladrando à lua...

de Letras, cadeira n° 18. Luís Murat considerou Pereira da Silva um dos maiores poetas da sua geração, «homem que possui uma grande cultura, a par de uma grande inspiração» (apud Pereira da Silva, **Beatitudes**, pág. 228). (Araruna, Serra da Borborema, Paraíba, 9 de Novembro de 1876 — Rio de Janeiro, Gb, 11 de Janeiro de 1944.)

BIBLIOGRAFIA: *Væ Soli!*; *Solitudes*; *O Pó das Sandálias*; *Alta Noite*; etc.

26 Tudo — silêncio pálido de esfinge...
E' o nada... A dor do nada que me atinge
Mal sabendo que a vida continua...



26. Observe-se a frequência com que o poeta usa o vocábulo *pálido* e seus cognatos. No soneto "À minha mãe" (*apud Pan. IV*, pág. 117), o último terceto, por exemplo:

"E me atirando uma porção de lírios
Transfigurou-se *pálida* e apiedada
Dos meus soluços e dos meus Martírios..."

Cf., ainda, a 2ª estrofe de "Sóror Mágoa" (*apud Op. cit.*, pág. 118). Na 4ª estância desse poema, encontramos isto:

"Como se ajusta bem a *palidez* à fome
E o tédio ao dissabor do espírito de alguém."

Interessante, também, o último terceto de "Sol poente" (*apud Op. cit.*, pág. 119).

ARTUR RAGAZZI *



1
SONETO

Era a última hora para a cabeça estática
Que pensava, apesar de tudo.
O corpo anestesiado no suor denso e álgido
Não movia sequer leve ponta do dedo.

Os olhos haviam parado dentro das órbitas,
Mas no imóvel espelho das pupilas
Aumentara a visão com estranha potência,
Sob a ação de outros raios.

(*) Poeta largamente relacionado e estimado nos ambientes literários e sociais de Belo Horizonte. Italiano de nascimento, veio com os pais, ainda menino, para o Brasil, fixando-se em Ouro Preto. Em 1897, inaugurada a nova capital mineira, aí passou a residir até ao fim de sua existência. Foi uma das principais expressões do alto comércio de Belo Horizonte e elemento de valor nos círculos literários que nessa cidade